

## Marília Barbosa: 2, carreiras que se desenvolvem paralelas

Marília Barbosa com seu jeito falante e ar de garoto travesso, consegue mostrar a vitalidade com que encara o mundo. Ao dizer "eu não tenho medo de misturar as minhas carreiras. Pra começar, eu não tenho medo, não só disso como de nada", parece que está blefando. Nos tempos de hoje, quando Ivans Lins em sua música diz: "não fale do medo que temos da vida", leva-se um susto ao deparar com alguém com tanta garra, parece uma brincadeira. A pequena Marília, com seu tipo "mingon" muito mais fragilidade que força, mais cuidados que atitudes; mas na medida em que a entrevista avança torna-se mais delineada essa falsa aparência.

Este sentimento está presente em seu disco, como ela explica — "acho este disco eu mesma, não sei se a palavra certa seria autobiográfico, mas se cada letra levasse o meu nome valeria, porque elas dizem muito de mim. Com a excessão das duas músicas do Djavan e o "Manifesto", as letras são como eu sou. Havia esta intenção na escolha do repertório, eu precisava de uma identidade pessoal com o meu disco".

Tendo começado sua carreira muito cedo, quando entrou para o clube do Guri aos onze anos, Marília Barbosa vê com muita tranquilidade a evolução de suas carreiras de cantora e atriz. "Não existe uma junção de trabalho, o que acontece é um paralelismo. Quando eu faço uma atividade, é um tempo, quando faço outra é outro tempo. A intensidade emocional é que vem ser a mesma, acaba sendo uma divisão que soma." Como cantora, ela começou muito pequena, "com cinco, seis anos — diz ela rindo — eu participava de tudo que era showzinho. Aos onze, comecei a cantar em programas e aos quinze entrei para os musicais da Globo onde fiquei durante um ano e meio. Depois disso dei uma parada com tudo, porque pela primeira vez na minha vida eu pensei que não queria ser artista, por um momento eu quis ser psicóloga". Esta parada não durou muito e logo depois ela começa a atuar no elenco dos musicais da Tv Tupi, lançando-se também em novelas, trabalhando em "D Doce Mundo de Guida", em 68. Falando sobre suas carreiras nota-se o equilíbrio com que Marília vê a interação de seus trabalhos, a lucidez sobre o engano que pode acontecer nas pessoas. São atividades muito próximas, mas com uma enorme capacidade de restringirem-se mutuamente. "Quando eu cantava, antes de atuar com mais continuidade como atriz, eu estava fazendo meu trabalho de cantora, minha preocupação era com a voz. Ao cantar eu queria que as pessoas me ouvissem, não me preocupando muito com o que elas viam. Eu estava dizendo com a voz o recado de alguém, não havia a necessidade do desempenho maior do corpo. Sempre trabalhei em boates e televisão, o que restringe a apresentação ao sentido da voz, a música é o suporte. Quando um ator vai se mostrar fica diferente, ele se torna a melodia e o texto in-

terpretado é a letra da música. Ao fazer as duas coisas, cantar e representar sinto que os trabalhos não se diminuem e sem se igualam, eles somam. Acho que o termo de comparação entre as coisas que faço é bem menor do que se poderia esperar".

Apesar de gravar há bastante tempo, este é o primeiro trabalho individual de Marília Barbosa. Suas gravações anteriores eram ligadas a trilhas sonoras de novelas. Sobre este espaço de tempo, ela vê como um amadurecimento. "Já houve um momento em que eu pensei que a demora deste disco fosse a falta de cuidado das pessoas que estavam atrás de mim, segurando a minha barra de cantora, no caso a gravadora. Já houve um momento em que eu mesma deixei a coisa correr frouxa e me dediquei à minha carreira de atriz. Já houve um momento em que eu estive tão mergulhada nos meus problemas individuais, que não havia espaço na minha cabeça pra pensar em mais nada. Agora eu acho ótimo que tenha acontecido isso, porque sinto que este é o meu tempo certo: pessoal e profissional. Isto me faz concluir que se não fiz antes, melhor foi pra mim, este disco saiu agora porque eu quis".

O nome do Lp ficou sendo o mesmo da primeira música escolhida para do disco — "Filme Nacional" — de Márcio Proença. É um nome certo para o trabalho musical de Marília, além de ser uma belíssima música, chega a ser oportuna porque filme nacional tem muito a ver com ela. A profissão de Marília Barbosa engloba tudo: música, televisão, teatro e cinema, e mesmo que não fosse isso, uma vida é sempre roteiro para um filme de cinema nacional.

Neste disco acontece um fato bastante engraçado, dele Marília fala com muito humor, "eu escolhi apenas os músicos que não tocariam comigo, sempre sei mais o que não quero do que o que quero. Só tem uma faixa do Lp, que eu chamo de música caseira, que é a música do Egberto Gismonti. A gente estava apaixonado na época e ele compôs pra mim. O fato dele tocar e nós gravarmos juntos fazia parte do dia a dia. Nesta música eu escolhi todos os músicos que tocam".

Existe em Marília Barbosa dois talentos, duas carreiras paralelas, ela não sabe qual vai ser o desenvolvimento das duas. Com um leve sorriso ela fala sobre o assunto: "o risco de opção entre a cantora e a atriz sempre existe. Não apenas este, existem vários outros riscos. Eu poderia falar da regulamentação da nossa profissão, que se agora começa a ser delineada, poderia falar sobre a situação do músico e do ator no Brasil, tudo isto é um risco. A gente não pode pensar em termos de longo prazo, porque é sempre o momento. Nos Estados Unidos as pessoas planejam o que vão fazer em 1980, as peças passam anos em cartaz, aqui é diferente. A gente não sabe o que vai fazer logo em seguida a um trabalho. Estas profissões na realidade são um risco diário".

